
Relatório de participação no programa Erasmus + na Finlândia

Nome do participante: **Maria da Ascensão André Calado**

Data do programa: **de 12/05/25 a 16/05/25**

Atividade conjunta de **Job Shadowing** em Vandaa, Finlândia.

Erasmus **2023-1-PT01-KA121-SCH-000142883**

Local de realização: **Vaskivuori Upper Secondary**

Professora recetora: **Nina Tervala Vuorio**

O programa teve como principal objetivo observar o dia-a-dia dos docentes de educação especial em escolas da Finlândia, as suas atividades letivas e não letivas e as suas responsabilidades; interagir com os docentes; aprender novas metodologias e estratégias relacionadas com a escola inclusiva; observar as atividades desenvolvidas em sala de aula; conhecer, partilhar e comparar os sistemas educativos de Portugal e da Finlândia.

A metodologia utilizada centrou-se na observação de processos de ensino e aprendizagem em sala de aula.

Ao longo da semana foi-nos possibilitada a oportunidade de observar diversas aulas, nomeadamente: uma aula de artes, uma aula de inglês, uma aula de matemática, uma aula de revisão de química e aulas de apoio a alunos com dificuldades de aprendizagem. A observação das aulas, as conversas que tivemos com as colegas da Finlândia, e toda a convivência que nos foi possível desenvolver nesta semana, quer com os adultos quer com os alunos, permitiu-nos realizar uma comparação com o nosso sistema de ensino, tirar algumas conclusões e trazer alguma bagagem relativamente a estratégias no que concerne à inclusão/educação para a diversidade. A escola que nos acolheu é uma escola secundária.

Na Finlândia, o ensino secundário dura três anos. Não há regulamentação específica quanto ao número de alunos por turma, mas a média é de 24, agrupados por faixa etária. O ingresso no ensino superior está limitado ao número de vagas, mas é dada ao estabelecimento de ensino a liberdade de estipular os seus critérios de admissão.

Na Finlândia as escolas secundárias são temáticas, umas mais ligadas às ciências, outras são mais ligadas ao desporto, outras às artes e outras às línguas. Neste caso a escola de Vaskivuori Upper é uma escola de artes, cujo curriculum aborda mais as disciplinas ligadas à Artes (música, dança, teatro, artes visuais), mas onde também se estuda obviamente Matemática, Finlandês, Inglês, Biologia, História, ... Algumas disciplinas são obrigatórias e outras os alunos podem escolher. De 7 em 7 semanas mudam as disciplinas e faz-se a respetiva avaliação.

Da observação de várias aulas e da conversa que tivemos com os professores, fomos fazendo a comparação com o ensino em Portugal.

A observação das aulas, as conversas que tivemos com as colegas da Finlândia, e toda a convivência que nos foi possível desenvolver nesta semana quer com os adultos quer com os alunos, permitiu-nos realizar uma comparação com o nosso sistema de ensino, tirar algumas conclusões e trazer alguma bagagem relativamente a estratégias no que concerne à inclusão/educação para a diversidade.

A realidade da Finlândia é bem diferente daquela que se vive em Portugal, neste momento. A primeira diferença que constatámos ocorreu assim que chegámos à escola. Não havia gradeamento, muros nem portarias.

Sociedades, escolas e países diferentes!

Relativamente à organização do ensino secundário também foi muito interessante verificar que na Finlândia todos os alunos têm uma escola que responde à sua área de interesse. As Artes têm lugar na escola, assim como as Ciências, as Línguas e o Desporto. Todas as áreas têm a mesma importância. Os alunos têm oportunidade de combinar as disciplinas que mais gostam, com aquelas que são obrigatórias. Existe um vasto leque de escolhas.

Relativamente à inclusão há a apontar o facto de, na Finlândia, existirem escolas especiais, desde o 1º Ciclo, para as crianças e jovens com deficiências graves. Portanto, não vimos, nas escolas que visitámos, jovens com Perturbação do Espectro do Autismo grave ou outras perturbações graves do neurodesenvolvimento. Os alunos que não têm capacidade de desenvolver o currículo do ensino secundário não se podem matricular nestas escolas, sendo orientados para a frequência de escolas profissionais. Desta forma, no ensino secundário apenas existem dificuldades de aprendizagem.

A criação de grupos de alunos com dificuldades para aulas de apoio também foi observada e pareceu-nos que resulta muito bem. Os alunos aceitam a ajuda que lhes é dada e ultrapassam dificuldades. É uma boa estratégia.

Na Finlândia, a grande preocupação dos professores, em termos dos alunos com dificuldades está em dar, na devida altura, o devido acompanhamento, ou seja, logo que as dificuldades se manifestam, os alunos têm oportunidade de as ultrapassar, pois o devido apoio, na escola, é-lhes facultado, sem burocracias. Desta forma, todo o tempo e todo o foco dos professores é mantido nos alunos, nos materiais, nos métodos e nas estratégias de superação. Cá em Portugal, antes de mais existem as questões burocráticas, o preenchimento de formulários em papel e/ou online. Temos muita burocracia e pouco apoio efetivo, perdemos imenso tempo e foco com aquilo que não vai melhorar a aprendizagem dos alunos. Já há muito tempo que tínhamos chegado a essa conclusão, nas nossas reflexões de trabalho colaborativo, e neste programa, pudemos de facto, confrontar-nos com esta realidade. E esta é uma grande diferença que se evidenciou relativamente à nossa realidade: as questões burocráticas e de confiança nos professores. Os professores finlandeses não fazem sumários. Quando um aluno tem dificuldades compatíveis com aquelas que são características da dislexia, basta que o professor de educação especial observe e ateste estas dificuldades para que o aluno não seja penalizado nas suas avaliações internas, não sendo necessário avaliação psicológica. Nos exames nacionais apenas são descritas, numa plataforma eletrónica, estas características, pela professora da educação especial e corroboradas, por outro professor, geralmente o professor de Finlandês, para que o aluno possa beneficiar de condições especiais. Em Portugal, tem de ser carregado o RTP do aluno, o relatório psicológico e a ata que atesta que essas condições são implementadas ao longo do ano. Esta diferença atesta bem a confiança que existe nos professores na Finlândia e que não existe em Portugal. A dislexia não tem de ser diagnosticada até ao final do 6º ano para que os alunos beneficiem de condições especiais nos exames.

Relativamente à inclusão e à educação para a diversidade, escolhemos a Finlândia para desenvolver este programa por ser um país com uma educação considerada das melhores do mundo! A realidade que encontrámos relativamente à inclusão de crianças e jovens com problemáticas graves foi a descrita. Uma vez que existem escolas de educação especial, nas escolas básicas as problemáticas dos alunos não são tão graves como as que encontramos em Portugal. Os alunos estão integrados nas turmas e têm apoio com as professoras de educação especial, quer na turma quer numa sala destinada ao apoio individualizado ou em pequeno grupo. Existem alunos de várias nacionalidades que estão integrados nas turmas com os alunos finlandeses, depois de passarem por uma primeira experiência de aprendizagem da língua e imersão na cultura, é o ano zero. Os professores de educação especial podem, no ensino básico, ter

assistentes que os ajudam , inclusivamente com os alunos de diferentes países, na comunicação em diferentes línguas, e acompanham os professores de educação especial para toda a parte, incluindo as aulas de apoio, por grupos de nível, que ocorrem ao longo do ano juntamente com os professores das disciplinas. Esta prática das aulas com turmas de alunos que se juntam pelas dificuldades que têm, foi uma prática transversal aos dois níveis de ensino, que parece dar bons resultados. Está previsto na lei em Portugal estes grupos de nível, no entanto, no nosso Agrupamento não se faz. Esta poderá ser uma estratégia a desenvolver nas nossas escolas. No ensino secundário, os professores da educação especial, têm um horário flexível, além de terem marcadas no horário as aulas de apoio nas classes destes grupos de alunos com dificuldades, têm flexibilidade no horário para atenderem professores e alunos, realizar testes com eles em sala à parte, conversar e orientá-los, sempre que é necessário. Haviam dois professores nessa escola para realizar esse apoio. Nós, em Portugal, acompanhamos prioritariamente os alunos com problemáticas graves, e não temos recursos humanos que nos permitam efetuar este trabalho com os alunos com dificuldades de aprendizagem, e vemo-nos muito sobrecarregados para dar algum acompanhamento aos próprios professores das disciplinas e/ou educadores/titulares/ diretores de turma. Estes são alguns exemplos da educação para a diversidade que testemunhámos. Os alunos com dificuldades têm muitos apoios e os estrangeiros pareceram-nos bem integrados, inclusive os pais vão à escola aprender Finlandês.

Verificamos que há questões que nos ultrapassam enquanto professores, no quotidiano da escola, quando as regras são ditadas pela nossa lei, mas de tudo farei, da melhor forma que souber e puder, para ajudar a mudar este estado de coisas.

Pensamos partilhar esta experiência enriquecedora junto das nossas colegas do grupo de educação especial, de uma forma mais detalhada, enviar por email ao grupo de professores, uma síntese da organização e práticas observadas, e escrever um pequeno artigo para o jornal do Agrupamento e/ou para o Jornal Regional.

Posso concluir que a procura e a luta pela construção de uma escola inclusiva continua a ser a bússola que norteia a minha profissão.

Albufeira, 3 de junho de 2025

A professora

Ascensão Calado

